



21/4/936

299

PREY 1 ESCUDO



KATHARINE HEPBURN

CINE JORNAL



Foi reformada a barbearia da Metro

A barbearia e cabeleireiro de senhoras dos estúdios da Metro acabam de ser reformados inteiramente. O velho mobiliário, que datava de 1915, foi substituído por uma nova instalação *up to date*.

Dezenas de celebridades e centenas de vedetas que não ascenderam aos altos postos passaram por ali. Jim Adamson, o barbeiro chefe ali arranjou a cabeça de Greta Garbo, quando ela veio da Suécia; cortou o bigode de Clark Gable, quando ele pela primeira vez apareceu num papel de relvê; e deu ao cabelo da Weissmuller aquele *nr semi-selvático*...

Quando essas velhas cadeiras eram novinhas, no número dos fregueses da barbearia viam-se Hersholt, William S. Hart, Leo Carrillo e Will Rogers, que foram os primeiros actores da companhia, então conhecida como os estúdios da Triangle. Adamson abriu o salão no dia em que os estúdios começaram a funcionar. William Desmond, Hobart Bosworth, Charles Swickard, Frank Currier e Herschall Mayall contavam-se entre as celebridades daquele tempo. Mais tarde, apareceram Tom Moore, Jack Pickford, Sydney Ainsworth, Edward J. Connolly, Tully Marshall, Louis Bannison, John Sainpolis, alguns dos quais ainda eram vistos, recentemente, na barbearia dos estúdios.

As novas cadeiras servirão melhor, mas, as velhas aparecerão, de quando em quando, nos cenários, e algum veleirano, provavelmente, dirá a qualquer astro futuro, que John Gilbert, Lon Chaney e outras vedetas famosas do passado sentaram-se, nelas, muitas vezes!...

A popularidade de Charlot

Recentemente, em Itália, fêz-se um inquérito para saber a resposta à seguinte pergunta: «se entre cinco personagens célebres deste mundo, quatro tivessem que morrer, qual deveria sobreviver?».

Por uma maioria esmagadora, Charlot foi designado como o favorito.

Que cara teria feito Mussolini, ao conhecer o resultado deste estranho inquérito?

Ann Loring apresenta um novo modelo de traje de banho

Se Sherlock Holmes fôsse a Hollywood...

«Se Sherlock Holmes empunhasse uma vassoura e trabalhasse durante a noite na limpeza dos camarins das vedetas da tela, as suas deduções deveriam ser assombrosas!», assim declara Bert Terrill, chefe dos empregados da limpeza dos estúdios da Metro.

A personalidade e carácter de cada estrela, diz, revelam-se nas coisas mais simples que os empregados encontram quando fazem a limpeza.

Robert Montgomery é extremamente cuidadoso com os fatos e os sapatos. A sua roupa fica dobrada e pendurada com o maior esmero, e os sapatos alinhados, no seu lugar. William Powell é também muito cuidadoso com as suas coisas. Mas Ted Healy e Spencer Tracy são diferentes; deixam tudo espalhado pelos cantos, em pleno reino da desordem!

Nelson Eddy costuma fazer desenhos, especialmente quando fala ao telefone. Muitos desses desenhos ficam esquecidos, depois das horas de trabalho...

Wallace Beery deixa a roupa amontada numa mesa, misturada com peças de aparelhos de rádio, acessórios de automóveis, compassos e outras coisas semelhantes.

«Lionel Barrymore», diz Terrill, «ultra fôra os maços de cigarros aules

de os acabar. Os empregados encontram sempre vários destes maços no cesto dos papéis, e alguns até com dez e mais cigarros. Barrymore acende um cigarro, puxa algumas fumagens e deita-o fóra, quando está entregue aos seus pensamentos ou quando estuda os seus papéis. Sabe-se disto, porque os empregados encontram, nos cinzeiros, cigarros que quasi não chegaram a ser fumados.

Freddie Bartholomew estuda as suas lições no camarim, e deixa papéis rabiscados com problemas de aritmética por acabar.

Ruy Bolger anda, de um lado para outro, a fumar, quando cria os novos passos de dança. «Sabemos isto», diz Terrill, «por causa da linha que risca no chão, com a cinza do cigarro que deixa cair, enquanto dança. Ninguém, a não ser uma pessoa que esteja a dançar, pode deixar tal indicio».

Nenhum camarim dos estúdios é vedado aos encarregados da limpeza, excepto o dos irmãos Marx.

Não deixam entrar nos seus camarins nenhum empregado, desde o dia em que um, julgando que os seus novos «gags», escritos em pedaços de papel, eram lixo, os atirou pela janela fóra.

DICKENS, NA LITERATURA E NA TELA

TODO o habitante do Reino Unido que à hora do pequeno almoço desdobrasse o «Times» de 26 de Março de 1836 — fêz agora precisamente um século — depararia com um discreto anúncio dos editores Chapman & Hall no qual se lançava pela primeira vez, para a publicidade, uma das mais famosas obras de Carlos Dickens: «As aventuras de Mr. Pickwick».

A 31 do mesmo mês e ano, surge, nos escaparates dos livreiros, o primeiro fascículo. Esta data encerra um mundo de esperanças para o autor e marca o início duma obra literária em que o riso e as lágrimas se confundem, tratados por um espirito cintilante e por vezes genial.

Londres, pardacenta e húmida como sempre, vivia em 1836 a época dos combates de galos, frequentados por jovens aristocratas cujas sobrecasacas amarelas, verdes, violetas e encarnadas, punham tons caprichosos na policromia ambiente.

Por sua vez, o «box» esboçava os primeiros passos como desporto de massas. Na política, imperava Peel, então chefe do partido conservador, que cinco anos mais tarde viria a ser primeiro ministro. A futura rainha Vitória contava apenas 17 anos e estava a um ano do trono.

Época curiosa, propícia pela quietude à fermentação literária de Dickens, cujo sentido do real substituiria em breve, no gosto dos leitores a obra, apaixonada do romântico Carlyle.

Porém, nos primeiros fascículos das «Aventuras de Mr. Pickwick» Dickens não é feliz. Antes pelo contrário. Os compradores são raros e Seymour que ilustrara a obra suicida-se num momento de desespero.

Todavia, Dickens persiste encorajado pelos editores. Pouco a pouco, a diferença do público evolui e transforma-se em carinho. É a glória e, com a glória, as honras e o dinheiro. Tudo lhe sorri.

Advogado, não lhe interessa a profissão. É ao jornalismo que dedica grande parte da sua actividade. São já notáveis as suas crónicas parlamentares no «Morning Herald». Londres contempla-se, contemplando-o.

Em 1849, Dickens publica «David Copperfield», a sua obra prima. Na verdade dos que apreciam aquele escritor poucos serão os que, ao folhear «David Copperfield», não se sintam tocados pela ternura da tia Betsy, pela maldade de Murdstone, ou pela pureza de Dorá. Tanto como pelo aborrecimento que decerto lhes inspirará Uriah Heep.

Ora o cinema tinha uma dívida de gratidão a cumprir para quem, durante um século, tem sido o enívio de pequenos e grandes. E a sétima arte que interpretou já a obra dos maiores escritores mundiais, que nos deu Tolstoi, Zola, Vitor Hugo, Dostoiewski e tantos outros, preencheu essa dívida.

Reconhecimento? Não, justiça. Dickens, como escritor, é grande. Bastaria a História de Jesus que redigiu para os seus netos, tanto tempo ignorada e só há pouco publicada, para o definir como tal.

Coube a George Cukor a realização cinematográfica de «David Copperfield». Para isso rodeou-se de artistas como W. C. Fields, Lionel Barrymore, Maureen O'Sullivan, Freddie Bartholomew, Frank Lawton, cujo desempenho emprestou à obra de Dickens um brilhantismo digno de registo.

Também nos estúdios de Twickenham se filmava recentemente «Os contos de Natal» que devem vir a público sob o título de «Scrooges». «The tale of two cities», realização de Jack Conway, com Ronald Colman e Elisabeth Allen, fecha este círculo notável.

Como se vê, a contribuição de Dickens para o cinema é importante. Mais, é valiosíssima. Põe-nos em contacto com um mundo que, apesar-da distância a que se encontra de nós no espaço e no tempo, podemos reivindicar sem hesitação.

As alegrias e as dôres, os conflitos humanos que se desenvolvem através da obra de Dickens, repetem-se ainda hoje porque representam e traduzem a realidade da vida.

E a vida, embora amarga, embelezase quando penetrada por aqueles que sentem essa amargura e no-lo dão em obras-primas cuja imortalidade constitui a sua melhor recompensa.

OPERADOR N.º 13



Três belezas do R. K. O.-Rádio: Mary Jane Irving, Alice Stombs e Carol Carmen

Cinema, arte da actualidade

A época que passa é a época do movimento. As coisas paradas são atiradas para longe, para fundo, para cenário. A vida actual apenas foca os primeiros planos, os planos do movimento. Daí porque os fundos estáticos da cena se perdem num «flou»; não há quem nêles repare.

As nossas retinas já não se prendem com gongorisimos, os nossos ouvidos só escutam o essencial, os nossos sentidos perderam o hábito de persistir nas insignificâncias. O momento exige dinamismo. É necessário aproveitar as nossas vidas breves. Como diz o Dr. Ramada Curto: «Há pressa. Não se pode perder tempo em conversas. A curiosidade dos espiritos está exclusivamente voltada para as exigências da acção».

* * *

Dizer que uma arte tem a sua época equivale a entrar num circo romano, disfarçado de cordeiro, e desafiar as feras. É uma ingenuidade? Não! É uma temeridade! Não falará quem nos iustulle.

Todavia, é verdadeira a nossa afirmação. As artes vivem da preferência do público e não das quantidades que as impõem. Algumas, muitas até, passam de moda; outras mantêm-se mercê de novos aspectos. Numa época como a nossa, em que tudo são exigências de movimento, as artes paradas — ou não sabem dos museus ou vivem das recordações de alguns devotados admiradores, que não têm pernas para acompanhar o andar precipitado do progresso.

Por outro lado, o artista também auxilia este movimento de renovação. Um artista é, em geral, um espírito culto e desempoeirado; tem necessidade de acompanhar os outros e vive essa necessidade. As artes são reduziáveis a estudos, a moeda, e constituem, por isso, um comércio. O artista produz para vender. Os tempos vão difíceis e já não há quem faça arte por gosto, mas sim para ganhar dinheiro.

O próprio caso da música é sintomático. Os ritmos modernos, talvez mais harmónicos com esta era de velocidades, conseguiram actualizá-la. E se a música não pereceu na mesma agonia das artes restantes, foi porque, a par desses novos ritmos, encontrou o extraordinário auxílio da T. S. F.

* * *

Hoje todas as artes são, mais ou menos, escravas do cinema. Servem-no respeitosamente e trazem-no nas palminhas das mãos. Por esse motivo, ocupam, em geral, um lugar muito secundário, como tapa-buracos. Encontramo-las, quasi sempre, modestas e envergonhadas, no fundo das cenas. O cinema, pelo contrário, ocupa os primeiros planos. Quando o cineasta se descuidava e, por isso, a cena perde em

interesse cinematográfico, há um processo de remediar a falta: um trecho de música, uma paisagem, um pormenor, todos êles produtos de outras artes, são remédios comuns, tapa-buracos da falta de talento do realizador.

Assim se explica, e muito bem, cabalmente, que o verdadeiro cinema, a pura arte do movimento, não carece de auxílios. Chaplin, o máximo, quando é sublime, nem pensa no cenário; qualquer coisa lhe serve, porque tem a certeza de que o público somente se prende pela acção.

O «falado» não é uma categoria de cinema, como por aí se diz. Quer mudo quer sonoro, o cinema é sempre o mesmo. Com uma diferença: cinema verdadeiro. aquele que não carece do auxílio das outras artes, apenas os grandes ar-

tistas o fazem, pela mesma razão porque um bom quadro só o pinta um bom pintor. Di-lo ainda o Dr. Ramada Curto quando afirma: «Mesmo sonoro o cinema não concedeu à palavra mais do que a simples notação da expressão e movimento das figuras. É uma arte de imagem em que a palavra é um mereo auxílios».

«Daqui resulta — diz mais adiante, o Dr. Ramada Curto — que as exigências da sensibilidade estética se satisfazem integralmente com as imagens do cinema». Ao que nós acrescentamos: o cinema é a arte do dia. Predomina sobre todas as outras, mercê da preferência do público. Auguramos-lhe uma longa vida.

RAUL FONSECA



Ann Shirley regresso dumo viagem pelo América do Norte

O «Hamlet» na tela

Alexandre Korda anunciou oficialmente que vai ser dada, dentro em breve, a primeira volta de manivela do *Hamlet*, a celebre peça de Shakespeare.

O papel do protagonista estará a cargo de Robert Donat. O de «Ofélia» será desempenhado por Vivian Leigh, a última descoberta do cinema ingles. E Charles Laughton encarnará a figura de Polónio.

GRETA GARBO NA «DAMA DAS CAMÉLIAS»

A Imprensa afirma, sob reservas, que Greta Garbo saiu da Suécia, com rumo à América, a bordo do paquete «Drottningholm», para iniciar imediatamente o seu papel na *Dama das Camélias*, o seu novo filme.

No entanto, parece ser destituída de fundamento a noticia e afirma-se que antes de Outubro Greta não abandonará a sua pátria.

Um prémio Nobel no Cinema

Vai ser adaptada à tela a novela de Sinclair Lewis, *Dodsworth*. Walter Huston e Ruth Chatterton serão os principais papéis.

UMA VERSÃO AMERICANA DE «O CLUBE DOS SUICIDAS»

Lembram-se do filme alemão *O Clube dos Suicidas*, que Paul Wegener interpretava?

Pois vai ser adaptado à tela, pela Metro Goldwyn Mayer. A nova versão será também um «arranjo» dos tres contos de Robert Louis Steveson: *O Galo Preto*, *o Gabinete das Figuras de Cera* e *O Clube dos Suicidas*, muito embora o filme adopte apenas o nome deste último.

Os principais papéis correrão a cargo de Robert Montgomery, Rosalind Russell, Frank Morgan e Reginald Owen.

SERGIO EISENSTEIN NOVAMENTE NA RUSSIA

O celebre realizador russo Sergio Michaelowitch Eisenstein, que se havia incompatibilizado com o governo dos sovietes, desde a sua malograda viagem à América, acaba de fazer as pazes com Stalin e os seus adeptos e dispõe-se a fitmar nos estúdios de Leningrado.

O novo filme do cineasta da *Linha Geral*, intitula-se *O Prado de Bejiu*, e nêle actuarão, pela primeira vez, actores profissionais.

Betty Furness ou uma beleza típica dos estúdios americanos...



SÃO tão poucas as pessoas que elogio, são tão raras as que louvo pelo seu talento, que me chego a admirar de o fazer quando de longe o faço.

Aconteceu precisamente isto, agora que penso elogiar certos aspectos da personalidade artística de Paulina Singerman. Esperava ansiosamente a estreia da companhia que esta artista dirige. Tive a primeira desilusão ao ler o anúncio que indicava os títulos das peças e os seus autores e a segunda ao constatar que o conjunto não é tão bom como era necessário. Só Paulina Singerman não iludiu a minha expectativa. Possui realmente uma categoria excepcional. Ela é, como atriz, um caso notável de sinceridade, de naturalidade e de poder interpretativo numa forma geral. É pessoalíssima em certos pormenores, em certas atitudes ainda não exploradas em cena. Consegue — e é difficilimo consegui-lo em peças fúteis como as que tem levado — vencer-nos que a personagem que encarna é uma realidade, graças à maneira como mostra sentir essa mesma personagem. Parece sentir tôdas as frases e reage em perfeita harmonia com todos os seus inúmeros gestos e atitudes duma originalidade digna de atenção. Mas esses gestos e atitudes, embora inúmeros e embora cheios de originalidade, não chocam pela estravagância nem são demasiados. Estão perfeitamente identificados com a personagem que encarna. Ora tudo isto só o consegue uma artista-atriz extraordinária. Caso não o fosse — caso não passasse duma representante como tantas que infestam as nossas cenas — tudo seria dum pretenciosismo que roçava pelo ridículo. É pena que as peças não a ajudem. As representadas até aqui não passam daquele teatro sem conseqüências que nos faz sorrir e passar duas horas despreocupadas, burguesmente instalados numa confortável poltrona... mas mais nada. E isto é muito pouco; e isto não é teatro.

As notáveis interpretações de Paulina Singerman são prejudicadas pelas peçuzinhas fúteis a que pertencem. O ambiente desvaloriza-as. Necessita, portanto, de melhorar o seu repertório, introduzir-lhe peças de valor e não altas comédias com um enredo complicadamente retorcido, de que nos esquecemos no dia seguinte em virtude da futilidade da obra. Uma peça de teatro necessita duma razão de ser essencial que nos obrigue a reagir na sua defesa ou no seu ataque.

Obras com esta característica basilar, cujo principal papel feminino se adapte à personalidade artística de Paulina Singerman, são abundantes.

Este reparo é motivado pela categoria da artista argentina ser tal que lamentamos que o seu talento esteja a perder-se em obras medíocres e não valorize tantos e tantos trabalhos curiosos que possui o teatro.

Algumas notas

Paulina Singerman, quando da sua recentíssima estadia em Madrid, foi, em virtude do enorme successo alcançado, convidada por três das principais casas produtoras dessa tão nobre Espanha actualmente em lamentável inquietude. Uma delas era a *Cifesa* e propunha vantajoso contrato que em virtude dos compromissos anteriormente tomados era impossível assinar.

Além disto, o teatro é para esta artista a sua razão de ser. O teatro apaixonou-a; as peças obsecam-na. Essa obra de Oswaldo Viana que esteve ultimamente no Trindade — *Amor* — apaixonou-a de tal forma que não desancou enquanto não conseguiu ensaiá-la. O autor do *Feitiço* é para Singerman quasi um mito. Admira imenso a personalidade desse dramaturgo-cinematografado que é Oswaldo Viana.

Agora anda entusiasmada com uma peça chinesa, que vai dentro em breve



PAULINA SINGERMAN

O TEATRO E O CINEMA

ensaiar. Possui, como todo o teatro oriental, uma técnica completamente diferente, completamente nova para nós. Intitula-se *Arrájo Precioso* e anda em cena há um ano em Londres e nos Estados Unidos. Está ansiosa por essa estreia, que antevê sensacional.

Paulina Singerman deixou pela primeira vez a América do Sul para vir com a sua companhia até à Europa. Deixou essa Argentina onde se estreou num teatro infantil do Estado quando tinha ainda dez anos. Depois, aos dezasseis, fez a sua estreia como atriz profissional com a comédia *Uma cura de repouso*.

Vai dentro em breve ao Brasil, com o seu repertório de vinte e tal peças, e depois regressará à Argentina, para trabalhar uma temporada grande em Buenos Aires.

O Teatro e o Cinema, na Argentina

A Argentina é um país cosmopolita. Os amadores de teatro são numerosos. Além das companhias constituídas por actores argentinos, algumas das quais já conhecemos — Camila Quiroga e De Rosas — vão anualmente fazer grandes temporadas companhias brasileiras, francesas e italianas. A lingua brasi-

leira (!?) entendem-na todos os argentinos com facilidade e o francês há muitos que o falam, mas a principal razão é a grande colónia francesa e italiana que reside em Buenos Aires.

Também os visitam anualmente companhias alemãs e inglesas, mas a sua estadia não é tão demorada, em virtude de serem linguas menos acessíveis e a colónia ser muito menor.

O cinema tem admiradores, apaixonados e furiosos.

No entanto a cinematografia nacional está em início. Pouco tem produzido ou nada. Só agora conseguiram realizar algumas películas com equilibrio que fizeram successo nos cinemas do país.

As produções são faladas em castelhano e não realizaram ainda qualquer versão noutra lingua.

Alguns filmes brasileiros têm feito um certo successo na Argentina.

Berta Singerman

A propósito de cinema veio à baila o nome de Berta Singerman, a grande intérprete da poesia que por várias vezes tem estado em Portugal.

Após a temporada em Hollywood e depois da última viagem, Berta Singer-

man voltou a Buenos Aires e aí se encontra actualmente, mas não por muito tempo.

Em Hollywood era contratada da Fox e para esta empresa filmou *Nada mais que uma mulher*.

Durante as filmagens surgiram certas desavenças, mas tudo acabou em bem. Foi esta a razão porque não assinou imediatamente outros contratos que lhe foram apresentados, mas Berta Singerman pensa, dentro de muito pouco tempo, trabalhar novamente em Hollywood noutra produção.

Pena é que o filme ainda não tivesse chegado a Portugal para vermos na tela a intérprete de alguns dos nossos melhores poetas.

Cinema-Teatro

Voltemos a falar de Paulina Singerman para conhecermos o seu inteligente raciocínio acerca do teatro e do cinema.

«O teatro é psicologicamente, mais profundo do que o cinema. O teatro pode revelar-nos as mais pequeninas facetas da psicologia do personagem; e o cinema, não tanto. O teatro é mais emocional, o cinema mais grandioso. No teatro é frequente *sofremos*, no cinema *deslumbramos*. Quando *sofremos* no cinema é em virtude dum acto mais espectacular do que quando *sofremos* no teatro.

«O teatro é a vida vivida nesse momento; o cinema é a vida recordada para a tornarmos a viver. O espectador perante uma peça de teatro tem um papel quasi directo e perante uma película tem um papel contemplativo. O teatro apresenta-nos *casos*; o cinema apresenta-nos *histórias*, ou seja: o teatro *vive*, o cinema *conta*»

— O actor de teatro e o actor do cinema?

— Um, quando interpreta, fá-lo para meia dúzia de pessoas dentro duma sala e o outro para o mundo inteiro. Da interpretação daquele, ficou a memória; da interpretação deste, a imagem. Recompensa desigual e no entanto o actor de teatro vibrou muito mais, foi muito mais sincero, sentiu muitíssimo mais aquilo que exteriorizava... e para prova basta recordar que no teatro o artista chega a estar um acto inteiro em cena num trabalho sem interrupções e que, portanto, o entusiasmo e convence, e no cinema, de cena para cena — e quantas vezes na mesma cena — há tanta interrupção...

«No teatro o actor move-se à vontade e no cinema não, pois a máquina por vezes desfigura o perfil e se se vira para tal lado as luzes não incidem convenientemente.

«No teatro somos mais livres e se não atingimos a celebridade mundial chegamos, por vezes, a comover-nos com os aplausos dessa tal meia dúzia de pessoas, para quem trabalhamos especialmente.»

Não faço comentários. Unicamente digo que Paulina Singerman chegou a entusiasmar-se com a explicação.

Uma peça portuguesa!!!

Paulina Singerman fez-nos um pedido.

Como possui no seu repertório peças francesas, alemãs, inglesas, americanas, húngaras, italianas, brasileiras e chinesas, queria também que Portugal lhe desse uma obra para interpretar.

Manifestou o seu desejo sincero de levar uma peça portuguesa no seu repertório.

Aqui fica registado o desejo, e entretanto quero-me a escolher um original português que sirva para Paulina Singerman... «A boneca e os seus fantoches»? «A *Zilda*»? «O caso do *Dias*»? «*Mar Alto*»?

TELMO FELGUEIRAS



cidade, sem preocupações de ligação, o que leva quasi sempre a casos de loucura, mas dum humorismo feliz. Não são raras as vezes em que a palavra vem completar a imagem. E é essa, provavelmente, uma das razões porque o nosso público não se entusiasma muito com os filmes destes cómicos. Groucho Marx pede bravos para uma cantora (Three cheers). Harpo compreende mal e traz três cadeiras (Tree chairs). Por isso, nas películas destes cómicos, mais do que em quaisquer outros, caminhamos de absurdo em absurdo com uma felicidade admirável. Lembremos um dos últimos, aquele em que assistimos a uma «soirée», num palácio. Um dos Marx entra, sobe a um escadote e rouba um quadro. Deseja, e, com um dos irmãos, que tem entrado entretanto, dirige-se a uma janela que abre, para fugir. Mas, uma chuva torrencial impede-o de realizar o seu projecto. Correm à janela imediata e, quando a abrem, um sol radioso espera-os lá fóra...

Para que um «gag» seja bem sucedido, é preciso que ao mesmo tempo, cause surpresa e esteja ligado à personagem que o provoca. E é nisto que os americanos são, de facto, mestres, porque, mesmo na «fêrie» mais deslumbrante, o sentido mais sem pés nem cabeça — o «gag» — reúne sempre, maravilhosamente, estes predicados.

Não só, porém, os irmãos Marx re-

(Continua na página 14)

EMBORA o primeiro filme cómico tivesse nascido em França, foi na América que esse género adquiriu vulto. Ninguém como os americanos soube fazer da farsa qualquer coisa de grande. Há quem não queira compreendê-lo o que não impede que noventa por cento deste género de películas, feitas na Europa, tenha sido fracassos.

O filme cómico carece de muita imaginação, de muita mocidade, e é isto que os americanos têm à farta.

Este género foi lançado por L. Luitnière que, logo na célebre sessão realizada no *Petit Café*, projectou *L'arroseur arrosé*. Mas Sennett, que foi o seu mais próximo discípulo, embora servindo-se da mesma técnica do criador do cinema, ampliou-a consideravelmente. Mas não há necessidade de irmos tão longe, para falar do cinema cómico de hoje.

Veio o som e, com êle, as naturais modificações de técnica. Os «ases» do bom humor foram desaparecendo. Uns suicidaram-se diante do primeiro microfone; outros foram abandonando o «set», depois de algumas derrotas. Desses tempos só um ficou: Charlot. Mas será, por acaso, um cómico?

A medida que aqueles iam desaparecendo, sangue novo entrava nos estúdios. Nova técnica, novos pioneiros! Dêstes, talvez, os mais representativos sejam os irmãos Marx, os mais profundos revolucionários neste género de películas. Os seus «gags» são produto duma imaginação fértil que toca as raias da loucura. Nos filmes dos irmãos Marx as situações não nascem por si, como consequência de outras situações. São criadas separadamente saltando de «gag» para «gag», com grande simpli-



O cantinho dum provinciano

A maioria do público que vai aos cinemas, aquele que transpõe os umbrais duma casa de espectáculo, ou por simples distração ou com o particular interesse de apreciar as maravilhas do claro escuro sonhorizado, tem, está mais que visto, a sua predilecção por determinado artista.

Enquanto que, para uns, Harry Baur é o expoente máximo da cinematografia, para outros é Charles Boyer o astro mais em evidência; se Chevalier é, para determinado sector, a voz mais agradável da tela, outro sector existe para quem Jan Kiepura é o cantor de maravilha, o inconfundível, o único.

Marta Eggerth, Lillian Harvey, Janet Gaynor e outras estrélas têm, igualmente, a sua legião de adoradores, a sua falange do loucos, de sonhadores que, em conversações cinematográficas, só sabem falar das suas prediletas, que colocam nos píncaros da Arte. Esses nomes enchem cartazes; e as plateias esgotam-se.

Mas na obsessão em que cada um vive pelo seu astro «preferido», com certeza que ainda não se deu ao cuidado de pensar qual seria a pior interpretação dêsse seu ídolo.

Pode um fanático de Kiepura ter admirado toda a colecção da filmes do grande tenor; pode um louco de Any Ondra ter visto desbobinar todas as obras da azogada estréla mas, do que quasi temos a certeza é que para esses mesmos fanáticos para esses loucos, o trabalho do seu (ou sua) preferido é sempre bom, sempre de grande valor artístico, sempre à altura dos méritos do intérprete. No entanto, quantas vezes assim não é.

Citemos dois exemplos:

Marta Eggerth foi brilhante na «*Sinfonia Incompleta*», em «*Era uma vez uma valsas*», e em tantos outros filmes. Mas, pode dizer-se que tenha agrado em «*A Princesa diverte-se*» e na «*Flor de Ilva*»?

Realmente, a linda actriz cuja voz de magia, seduz e entonetece não foi feliz nessas suas interpretações. Vimo-la sem a graça inconfundível que nos tem mostrado noutras filias.

Janel Mac Donald cuja fama é por demais conhecida, que arrebatou multidões na sua já longínqua «*Parada do Amor*», a «*doidinha*» que fez crescer água na boca em «*Uma hora contigo*», também deixou muito a desejar a quem pôde vê-la em «*Marido desconhecido*».

O problema das legendas

A questão das legendas...

Mas que poderemos dizer sobre este tema?

O disco está tão estafado, tem sido êle tocado tanta vez que, francamente, só pode concluir-se que se a questão continua no mesmo pé, é apenas por teimosia teimosa... dos teimosos.

Não conhecemos bem a engenhagem das legendas: não sabemos como e onde é feita a sua tradução, se há revisores, etc., etc.

Todavia, o que podemos concluir é que estes trabalhos são feitos sem uma orientação sólida, porque se assim não fosse, ninguém haveria a protestar, não se trazia o caso para as colunas da imprensa que chegou já ao ponto de lançar o S. O. S.

Palavras mal escritas, isso então, Santo Deus, é um nunca acabar!

São as asneiras mais frequentes e, afinal, as mais de reparar, pois se o espectador é medianamente culto sabe como a palavra deve ser escrita, mas se se trata de espectadores pouco instruídos, o aparecimento dessas palavras fora do português torna-se um caso grave, visto que o cinema deve ser, em todo o sentido uma escola.

CAETANO M. R. TAPADA



Mona Bannister e Waud Perry, no bailado dos balões do filme «O Grande Ziegfeld»

Uma carta de Leitão de Barros a propósito da interpretação do principal papel feminino de «Bocage»

A propósito de um artigo, publicado num dos nossos números anteriores, De surpresa em surpresa, Maria Helena, primeira figura feminina de «Bocage», recebemos a seguinte carta de Leitão de Barros, que publicamos gostosamente:

Meu caro Fernando Fragoso — Como V. sabe tenho agora muito trabalho e por isso não leio jornais nem respondo nunca, por sistema, às criticas que nos mesmos me são dirigidas. Alguém, porém, fez-me chegar às mãos o seu «Cine-Jornal», onde vem um artigo do seu colaborador e inteligente jornalista novo, Telmo Felgueiras, acerca da sr.ª D. Maria Valdez e da sua actuação em «Bocage». Por se tratar de uma senhora minha contratada, e só por isso, tenho que pedir-lhe duas palavras, para que as oponha aos comentários do referido artigo.

À sr.ª D. Maria Valdez, que tem muitas e reais qualidades para o cinema, executa no meu filme um papel interessante. Se, de comum e perfeito accordo, ela vai fazer um papel diferente daquele que primilivamente lhe tinham atribuído é porque a sua saúde, a fatigantíssima vida do estúdio, a rapidez fulgurante com que tem de ser feito um filme como «Bocage», não permite a essa senhora um trabalho como ela o poderia fazer em circunstâncias diferentes. Mas este facto, infimo, da vida interna do estúdio, em nada diminui o valor já indiscutível e demonstrado pela re-

ferida artista e não deveria vir a público, porque apresentado como foi no referido artigo, poderia prejudicar os interesses artísticos da referida artista.

Permito-me não responder aos comentários feitos com referência aos concursos de vedetas de cinema, com a largueza que o assunto permitiria. Lembro apenas que êles caem pela base se recordarmos que Dina Teresa foi escolhida por concurso, e que o último concurso estava aberto a todos, profissionais e amadores.

Creia-me, etc., J. Leitão de Barros.

Dois palavras de esclarecimento.

Não tivemos o menor intuito de ser desagradáveis à sr.ª D. Maria Valdez, cujos dotes de beleza, nestas mesmas páginas, realçamos, como era de justiça, e que nos merece a melhor simpatia, soberaneamente patenteada. Aliás, na forma como a acarinhámos, desde que foi tornada pública a sua vitória, no concurso para escolha da primeira figura feminina de «Bocage».

Trouzemos a lume o facto da substituição de intérpretes da protagonista de «Bocage», não só pela consideração que nos merece Maria Helena, como ainda por o reputarmos de interesse público, e não um facto infimo da vida do estúdio, como Leitão de Barros o considera. Aliás procedemos da mesma forma, quando Rail de Carvalho foi ocupar o lugar de Amarante.

(Continua na pág. 14)

CARTA DE BERLIM

SUPONHAM que seria possível levar à cantina dos estúdios da Ufa em Neubabelsberg uma pessoa amiga que não perecesse patavin do trabalho cinematográfico. Suponham ainda que essa pessoa se deixaria conduzir de olhos vendados, sem dizer nada para onde a levávamos, e que então uma vez na cantina dos estúdios, o devendáramos de súbito. A sua primeira impressão seria de inarrável espanto. É possível até que se julgasse transportada para uma casa de malucos.

No momento da nossa chegada, achavam-se na cantina êsses grupos de lindas mulheres que poucos minutos antes tinham cantado no estúdio um hino a Bocaccio, o galã de um novo filme da Ufa. E agora vêmo-las ali sentadas, umas ao lado das outras, esquecidas do galã, ocupadas talvez com os seus assuntos diários. Os «garçons» correm apressados, servindo almoços a comensais que parecem figuras de museu e em cujos rostos se estampa a fadiga de várias horas de trabalho à luz intensa dos projectores.

Noutra mesa, nota-se um outro grupo de aspecto completamente diferente. Êste vem de uma época mais aproximada da nossa. Um cavalheiro muito sério, de irrepreensível casaca, conversa animadamente com uma senhora de vestido de «soirée», ao lado da qual vemos um interessante rapazinho de cerca de cinco anos de idade, que empunha, com certa graça, a sua colher de sopa. Dizem-nos que são os intérpretes principais do filme «Schlussakkord» (Acorde final), uma grande produção musical. Enquanto contemplávamos as três personagens, a cantina foi-se enchendo de gente. De súbito, o cavalheiro sério, levanta-se do seu lugar, aproxima-se de outra mesa e estende a mão a um sujeito que, pela cara e pelo aspecto, deve ser um autêntico handido.

Este pertence a outro filme. «Savoy Hotel 217». Os artistas da produção descaem e vão para a cantina completar, com as suas barbas e a roupa em trapos, o aspecto pitoresco da sala. Parece até que conhecemos aquele homem de barbas pretas, que está conversando com o cavalheiro de casaca. Não há dúvida: é René Deltgen, que — não sei se se lembram — fez um dos papéis principais de «Joanna d'Arc».

Agora aparece na cantina uma bonita mulher, vestida de enfermeira. O seu traie hospitalar dá-lhe um ar de ingenuidade, mas no filme que desempenha, revela-se, mais tarde, uma perigosa, aventureira. Vem agora um director de cena, mas êsse nem tem tempo para se sentar: toma à pressa um copo de água mineral e desaparece, como um furacão.

O intervalo acabou para a gente do «Savoy Hotel». Nós vamos atrás de René Deltgen, para saber os motivos da estranha caracterização. E lá dentro, no estúdio, tudo se explica naturalmente. Porque a cena representa um asilo de desamparados em Moscovo. Os miseráveis sentam-se todos a um canto. Nas paredes, neiras de fumo, os asilados colam jornais, a fingir de papel pintado.

Os homens trazem sapatos esburacados e luvas de lá rotas, e no entanto, pela conversa de um dêles verifica-se que já viu dias melhores — no filme. É claro. Tudo o que lhe resta dêsse passado é uma corrente de ouro da qual êle não quer separar-se.

Por aqui se vê que o filme «Savoy Hotel» de Gustav Ucicky, não só nos revela os segredos da riqueza, como também os escaninhos da miséria. Nestes filme o público tornará a ver um artista que mais uma vez evidenciará as suas altas qualidades interpretativas. Hans Albers, que esteve em Lisboa quando das filmagens de «Estupefacientes».

M. B. SANTOS E SILVA

JANET Gaynor parece ter descoberto o elixir de longa vida. Há dez anos, que a vemos na tela e nesse espaço de tempo não envelheceu. Cristalizou nos dezasseis anos e por aí conta ficar. Uma carreira difícil, um casamento de amor, um divórcio tumultuoso não alteraram a serenidade da sua face de boneca. Querem saber quais os seus segredos de beleza? São simples!

Nunca é tarde...

As raparigas de hoje andam com sorte. Todos os jornais, todas as revistas prodigalizam conselhos de beleza. A preços convidativos, encontram-se, por toda a parte, produtos de aformoseamento. O cinema deu-lhes o gosto de ser belas. O progresso da ciência estética ofereceu-lhes a possibilidade de o satisfazer.

Aquelas que, desde os dezasseis ou dezasseis anos começaram a seguir cuidadosamente os mais elementares preceitos de beleza (cuidados com a pele, cultura física, uso da água fria, etc.) podem ter a certeza de que chegarão aos quarenta com um corpo de linhas graciosas, e aos cinquenta com uma cara sem rugas.

Mas há também aquelas que, pertencendo a gerações precedentes, sofrem hoje as consequências de erros e preconceitos tolos, de toda a espécie: «uma rapariga não precisa de «maquillage» nem de cremes. Isso estraga a pele» — dizia-se! «Todos devem comer o que têm na vontade, senão dão em tuberculosos. A ginástica não é precisa. Quem trabalha tem já com que se eslarfar» — acrescentava-se então, com uma inconsciência que toca as raízes da loucura.

Essas lêem agora os conselhos de beleza e suspiram: já é tarde.

Ora a verdade é que nunca é tarde para lutar contra a gordura, contra as rugas, contra as atitudes pouco graciosas. É claro, essa luta demanda esforços duplos daqueles que seriam necessários antes. Prevenir é sempre mais fácil do que remediar. Mas tenho visto, em aulas de dança, mulheres de quarenta anos, que ali foram para ganhar ou perder peso — e que obtiveram resultados magníficos.

Quem dança seus males espanta...

Creio, piamente, nos bons resultados da dança rítmica, menos fastidiosa que a ginástica sueca. Os movimentos mais elementares da ginástica rítmica exigem e dão graça e leveza.

Não se esqueçam nunca de que o gosto pelos exercícios físicos desperta logo que os músculos se «descinferrujam»... E o esforço torna-se depois num prazer.

Não se agarrem, pois, à desculpa de que é tarde ou cedo para começar. Sigam os conselhos que vos dou, porque cada dia que se perde são dois dias que a velhice ganha...

«Coquetterie» e economia

É preciso destruir outro princípio quasi axiomático: a *coquetterie* não é um luxo caro.

Todas as dietas têm por base os legumes e suprimem as bebidas alcoólicas, os doces, a manteiga, o pão, a cerveja e o vinho — por consequência embaratecem as refeições. Todos os cuidados com a pele têm por base a água. Com um pouco de leite, de clara de ovo, de azeite e de sumo de certos frutos — obtêm-se magníficos ingredientes para a pele, baratíssimos aliás. Quanto aos produtos de beleza são caros, por vezes, mas deve-se, mesmo assim, preferir os bons. E a verdade é que um boião de «crèmes» ou uma caixa de «rouge» duram meses. E se fizerem umas pequenas economias, se deixarem de tomar aqui um «Pórt», de comer ali aqueles bolos, etc. — depressa cobrirão essa despesa supérflua.

As lições de dança custam relativamente pouco. E uma, por semana, basta. Nos outros dias, fazem-se os exercícios em casa.

E só agora reparo: não dei precisa-

mente ainda conselhos de beleza. Limitei-me a bordar algumas considerações práticas, que, na verdade, nos podem decidir a seguir determinados preceitos — às vezes se desprezam... por economia.

Cinturinha de vespa...

Em regra quasi todas as mulheres têm a ambição de emagrecer — e adoram todas as receitas que se lhes dêem para atingir tal fim. Afinal, para emagrecer, basta apenas *querer* emagrecer. Mas *querer*, verdadeiramente, ardentemente, profundamente.

Devemos pensar-nos todas as semanas. As mais pequenas oscilações de peso devem ser observadas. É logo que se sentir sinal de alarme, deveremos observar uma dieta rigorosa. Quanto a mim, nunca tive motivo para sustos. No entanto, quando começo a sentir os vestidos um pouco justos, adopto a seguinte dieta:

De manhã: café e fruta. Ao meio dia: legumes, crus ou cozidos, batatas e costeletas de carneiro. À noite: outra vez legumes. E entre as refeições, quando tenho fome: leite.

Não se esqueçam de que é a refeição da noite a que mais faz engordar. E compreende-se: a digestão da mesma faz-se no meio duma imobilidade absoluta. Procurem adormecer o mais cedo possível e com o estômago o mais vazio possível. Quem dorme — janta...

Maçãs, cozidas em leite!

Antes de lerminar, permitam-me que vos dê uma esplêndida receita de beleza, para a pele cansada. É simples, eficaz e baratíssima — pomenor este que a torna verdadeiramente preciosa. Arranjem uma maçã, grande. Cortem-na em várias fatias grossas. Cozam-nas em leite. Apertem-na sem a esmagar, a-fim-de que se embeba bem, e estendam a pasta sobre a cara. Deixem-na secar e evitem mexer-lhe, pois corre o risco de se desagregar antes de tempo. Para a tirar, empregue-se água morna.

E verão! Um resultado maravilhoso! A mesma maçã que nos fez perder o Paraíso terrestre devia-nos, de facto, esta compensação!

JANET GAYNOR



CHARLOT está noivo? Charlot está...

...A verdade é que, a estas horas, singra nos mares do Oriente, no «deck» dum luxuoso transatlântico, e leva pelo braço orgulhosamente, a contrastar com os seus cabelos brancos, a mocidade triunfante, a beleza capitosa de Paulette Godard!

Extintos os ecos dos últimos aplausos que ecoaram na sala do Rivoli, de Nova York, na noite da estreia de *Tempos Modernos*, Chaplin abandonou o novo mundo pelo pitoresco do Japão, pelo ambiente estranho e exótico da China milenária.

Viagem de negócios?...
Vejam os antecedentes.

* * *

Há muito tempo que Paulette Godard se tornou no alvo favorito das senhoras vizinhas de Hollywood. A dedicação de Chaplin por aquela garota de olhos negros, a sua solicitude, o interesse que soube despertar no grande círculo foram sinais evidentes de que



acordara no coração de Chaplin uma verdadeira paixão. E a notícia, a princípio pouco precisa, de que ele se ia lançar na produção dum novo filme — veio dar foros de verdades incontestáveis aos boatos que então se rumorejavam sobre o próximo enlace das duas vedetas!

É que foi sempre assim! Charlot realizador, mormente nos últimos tempos, foi uma consequência do Chaplin, apaixonado!

A alma do *Circo* foi Merna Kennedy, *De Luzes da Cidade*, a loira Virgínia Cherril. E agora, de *Tempos Modernos*,

essa mulher-criança, «vamp» e infuua ao mesmo tempo — Paulette Godard, *tout-court*.

Neurastênico até à medula, torturado por uma vida de desgostos íntimos — Chaplin nunca foi feliz nos casamentos — perseguido pelas Ligas Feministas, vaiado pelas sufragistas americanas, vigiado pelo Exército de Salvação, a moralidade na América não é uma «lague» — Charlie Chaplin teria sosbrado, dezenas e dezenas de vezes, se io fôsse a dedicação das mulheres,

das paixões que o abrazaram. E este homem que passou a vida a fazer estréllas — Mildred Harris, Lita Grey, Edna Purviance e tantas outras — faz um filme, agora, por cada mulher que o fascina.

Paulette Godard, por enquanto, está ainda no galarim... Dum dia para o outro, a sua hora, no coração do famoso mimo terá findado. E Chaplin cairá no seu desespero íntimo, no sua neurastenia incurável — até que novo sorriso o desperte, que uma nova mulher

A noiva de



— muito nova, sobretudo! — o enfeite, de vez.

E Chaplin, como milionário que é, como apaixonado famoso — não lhe dará um automóvel, não lhe dará um palácio... Fará um filme — para lhe dar dentro de alguns metros de celuloide, a glória e a fortuna...

* * *

Ignora-se verdadeiramente, ou esquece-se talvez, propositalmente, em que circunstâncias Charlie Chaplin travou conhecimento com a sua noiva real.

Afirmam-nos que ela era uma das «chorus-girls» do filme de Eddie Cantor, *Escândalos Romanos*, e que o famoso intérprete da *Quimera do Ouro* a teria descoberto, quando assistia, certa vez, à exibição do mesmo filme. Outros asseguram que se trata duma burguesinha do Arizona e que Chaplin a conheceu durante uma reunião familiar, a que casualmente assistia. Terceiros contestam as opiniões anteriores pretendendo demonstrar que Paulette Godard é o pseudónimo que encobre o nome duma rapariga da melhor linhagem inglesa, e que ele teria «aliciado», durante a sua viagem à Europa.

Seja como for, o certo é que Paulette «girl» da Sam Goldwyn, burguesa do Arizona, ou lady da loira Albion, é hoje célebre, tem tudo o que quer — e domina orgulhosamente o mais genial dos actores de todos os tempos!

FERNANDO FRAGOSO

Crónica da Semana

Foi num dos dias da Semana Santa. Convidado para ir a um cinema da Baixa ver «A Vida de Cristo» acedi mais para comprazer do que por sentir qualquer interesse nessa exibição.

É que, com excepção de «O Rei dos reis», as Vidas de Cristo que têm passado ante os meus olhos pasmados dão-me a impressão de terem sido preventivamente realizados nos estúdios da U. R. S. S.

Ao transpor o limiar do cinema em questão, estava preparado para ludo, desde o presépio estilo Renascença à Ascensão com uma moldura de nuvens de cartão pintado de molde a não iludir o espectador da última fila do balcão da última ordem: ludo anevia calada e resignadamente.

Pois a expectativa, por demais pessimista, foi escudatosamente ultrapasada.

E, ao lembrar-me que na última crónica me queixara dos progressos lentos observados nos últimos tempos do cinema, não pude deixar de pensar que os deuses e as deusas que presidem aos destinos da cinematografia se estavam vingando e ajustavam, com usura, contas comigo.

* * *

O filme era mudo, não só porque «não me dizia nada» como também por ser do tempo em que Lumière andava na instrução primária.

Juntou-se música com o propósito de com esse complemento se ajudar o espectador a digerir tal pastelão.

Pois imaginem (estou daqui a ver a indignação de René Bohel) que os trechos «de circunstância» escolhidos foram, entre outros, dois duma oportunidade mais que flagrante, «desta-grante».

Deus me perdêe. A entrada de Jesus em Jerusatem foi feita ao som da Marcha Militar de Schubert.

Para a cena da crucificação procurou-se, já se vê, música mística adequada à elevação do momento. Escolheram então Wagner.

— Muito bem! dirá o leitor a pensar no Parsifal, mas ainda desconfiado da marcialidade com que havia sido feita a entrada em Jerusatem.

Pois está redondamente enganado. Decidiram-se nem mais nem menos pela Evangelgada das Walkyrias. Apre!

E eu que não tinha levado a bem que outro cinema houvesse exibido em Sexta-feira de Paixão... valsas de Strauss!

A sala estava cheia. Nunca vi público tão paciente, resignado, fatalista.

Aqui e acolá ouviam-se tênues murmúrios de protesto. Mas, na verdade, que mais se podia fazer? Dar pateada precisamente no momento em que Cristo corria os vendilhões do Templo? Impossível. Parecia manifestação de solidariedade para com os tratantes.

Escolher para o efeito o beijo de Judas? Nessa altura já o espectador rejubilava com a perspectiva de chegarem a cabo os seus trabalhos.

Para o ano só não escreverei uma crónica igual a esta para não cansar a

Cinema Carlos Alberto

SE não se efectuar hoje deve estar por dias a inauguração do Cinema Carlos Alberto, que vem servir um bairro populosíssimo e que outrora foi a zona chique da cidade.

Dadas as condições da sua sala de espectáculo, a que uma nova disposição deu mais elegância e até mais conforto, e em virtude do novo cinema vir animar uma parte da cidade que não tinha qualquer género de diversões, além de apresentar os mais selectos programas cinematográficos, tudo leva a crer que este cinema constituirá, num futuro próximo, mais um templo da arte da imagem animada, além do mais completo êxito para os seus dirigentes.



Clark Gable no meio dum grupo de beldades, com os pitorescos trajes de 1906

atenção do leitor, porque o mesmíssimo filme tornará a correr, um pouco mais usado, e quanto aos discos se encontram excessivamente avariados serão naturalmente substituídos por uma selecção da Aida ou do Trovador.

Porque nessa altura — bolas! — a casa encher-se-á de novo. Apenas haverá uma pequena diferença — e muito pequena, decerto! — é que não será fácil encontrarem-me assistir à expulsão dos vendilhões do templo, com Walkyrias ou sem elas.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

Carta do Porto

cinesta René Clair e em face da discussão que o seu filme «Vende-se um fantasma» suscitou na imprensa estrangeira, há, num certo meio, curioso interesse em apreciar este filme que hoje se estreia no São João Cine.

Veremos, entretanto, se o público saberá interpretar o alto sentido crítico e artístico do conhecido cineasta francês ou se a sua apresentação será motivo para nos convencermos que muito ainda tem a desbravar a imprensa cinematográfica, na preparação do espirito

A festa do Figueirôa

Não é uma homenagem vulgar a festa do Figueirôa, que se realiza na próxima quarta-feira, 22, no cinema Batalha.

O estimadíssimo secretário do mais anigo e popular cinema do Pôrlo, além de não ser, nesta cidade, uma figura banal, pelas suas qualidades directivas, pela sua admirável intuição orientadora e pelos seus admiráveis dotes pessoais, de há muito, e mais que qualquer outro, conquistou plenamente a simpatia geral.

É que Figueirôa, lendo-se identificado plenamente com o espirito e com o gosto do público, sabendo auscultar-lhe as tendências e descobrir-lhe os gostos, impôs o cinema que orienta de forma iniludível.

E' além, de tudo, uma das poderosas roldanas do grande maquinismo cinematográfico, um dos mais devotados soldados desse anónimo exército de trabalhadores que ao cinema dão toda a sua vida, toda a sua alma e o vigor dos seus nervos, e cujo esforço, tenacidade e espirito de sacrificio poucas vezes têm sido desvendados aos olhares do público.

Como, além de todas as suas grandes qualidades de dirigente, consciencioso e sabelodir, Figueirôa é um verdadeiro «gentleman», as suas festas constituem autênticas paradas de amigos, de dedicados amigos que na quarta-feira não faltarão no cinema Batalha a dar-lhe o grande abraço.

Demais o programa é tentador, um programa que inelue os filmes de maior êxito da presente temporada e que tornarão mais atraente, deveras aliciente a festa do simpático Figueirôa — figura que todo o Pôrlo sinceramente estima.

«Matinéas» mais baratas

Tem tido avultadíssima concorrência as «matinéas» que se realizam em dias de semana nos cinemas Trindade e Olimpia e que, como oportunamente nolicíamos, de há tempos foram reduzidas em 50 % nos seus preços de entrada.

Tal medida veio animar extraordinariamente os frequentadores destes espectáculos que, assim, podem usufruir as delicias das melhores sessões cinematográficas por preços acessíveis a todos.

CARLOS MOREIRA

A espera dum êxito...

Dadas as possibilidades do conhecido

Econômica e Persistente...

HÁ vinte e tal anos, numa das inúmeras casas de Brooklyn, o mais pobre dos bairros de Nova-York, vivia um viúvo, com uma filha. Era cantoneiro e chamava-se Stevens. A pequena, que dava pelo nome de Ruby, tinha aquela gravidade precoce das filhas de viúvos, desde miudas sobrecarregadas com o governo da casa.

Ao meio dia, levava-lhe o almoço. Enquanto o pai comia, entrelinha-se a ensaiar os mais fantásticos passos de dança, para divertir os outros operários. E estes, depois, davam-lhe alguns centimos que ela apreciava doidamente — como era natural...

Certo dia, quando o pai trabalhava num bairro rico, lembrou-se de entrar no Prospect Park, para descansar um pouco. Em plena Primavera, coberto de flores, aquele recinto, verdejante, refulgia ao sol e parecia coberto de lanterna. tal o efeito dos raios de sol, sobre as plantas peroladas pela água com que antes haviam sido regadas.

Em redôr do parque, casas lindas, vivendas luxuosas, despertaram na pequenita sonhos infinitos:

—Um dia, estou certa, também hei-de ter uma casa assim.

E para a comprar, passou a fazer eco-

nomias, e a guardar num cofre os centimos que os operários lhe davam.

O pai morreu. Bárbara entrou num orfanato. Passou sem brinquedos e sem gulodices. Mais tarde, soube até o que era a fome. Mas nunca quis tocar no «dinheiro da casa» — da casa dos seus sonhos...

O tempo correu. Ruby cresceu. Mudou de nome e mudou de vida. A sorte e a fortuna sorriram-lhe. Quando se julgou suficientemente rica mandou construir então a sua linda casa, na Avenida Bristol, num dos bairros mais elegantes de Hollywood: em Brentwood Heights. E no cheque com que pagou a sumptuosa moradia, os jardins, a garagem e a piscina, lá estavam incluídos os modestos centimos que os operários lhe haviam dado, acrescidos dos juros de quinze anos, aqueles centimos que ela soube economizar ciosamente. Bárbara Stanwick realizou o sonho de Ruby Stevens.

Coração de Ouro

Bárbara Stanwyck nasceu do povo. Todos o sabem. Ela tão pouco o escondem. Com a glória não conquistou nem o verniz da sociedade nem o snobismo.

Não pretende, como a sua linda vizinha Joan Crawford, cujo passado foi em tudo semelhante ao seu, ser uma



«lady». Conserva ainda o pitoresco cá-lão de Brooklyn.

Gosta de recordar o tempo em que vivia num quarto alugado, com duas raparigas amigas (uma das quais Mãe Clarke) e em que eram «temidas» pelo seu atrevimento, pela sua audácia. Chamavam-lhe «as três mosqueteiras». Riam-se do amor... Mas o próprio amor que menosprezavam acabou por as separar, vingando-se assim das suas críticas, dos seus ditos mordazes... Mãe e Bárbara casaram e seguiram o seu destino.

No estúdio, tôdas as suas simpatias vão para os «pequenos»... E os «grandes» detestam-na. Desinteressa-se em absoluto pelos «pollins» de Hollywood, pelos divórcios e pelos escândalos. Acha muito mais curioso saber que a mulher dum dos electricistas está à espera do seu hébé e que um dos carpinteiros está doente. Certo dia, um electricista queimou o fato. No dia seguinte, recebeu dum anônimo, um fato novo. O «anônimo» foi Bárbara Stanwick. Um dos empregados do laboratório, noutro dia, foi multado. Não tinha com que pagar ao fisco e resolveu rifar o automóvel. Bárbara ficou-lhe com tôdas as rifas. E, no dia seguinte, ao sair de casa, o rapaz teve a alegria de encontrar o carro à sua porta.

Bárbara não se dá com as outras vedetas de Hollywood. Mas a sua casa está sempre cheia. E encontram-se lá figurantes, artistas sem categoria, que outrora conheceu em Broadway. São aqueles que se lançaram ao mesmo tempo do que ela na carreira, em que ela triunfou e que eles sossobraram...

...Mas um pouco vingativo

Vale mais estar na sua graça... E vingativa e impiedosa. Quando chegou a Hollywood foi convidada para assistir a determinada festa. Era desconhecida e ninguém lhe ligava a menor importância. Ao fim de quarenta e cinco mi-

(Conclui na pag. 14)



Exposição de fotografias de «O TREVO DAS 4 FOLHAS»

QUEM passar pelo Tivoli não tenha hesitações: entre no salão de chá e vá ver a exposição de fotografias, executadas por João Martins, sobre imagens do filme «O Trevo de 4 folhas». Verá que não perde o seu tempo. Pega um catálogo e lê uma volta pela sala; dê mesmo muitas voltas porque, no fim de cada uma, ficamos com a impressão de que não vimos tudo. Quando se entra começa-se por um lado e olha-se para a primeira fotografia. Os nossos olhos ficam encantados com a sua plasticidade e com a sua beleza. Mas logo outra, a do lado, começa a enfeitiçar-nos e nós aí vamos atrás do feitiço. Nessa altura, já a outra que se segue nos chama a atenção. E, sem darmos por isso, no fim de alguns minutos estamos, de novo, em face da primeira fotografia. Acabou-se a primeira volta. Agora já a vizinha nos não transtorna os planos. A primeira curiosidade está satisfeita. Vamos à segunda volta, para apreciar os pormenores.

* * *

Aqui está a fotografia n.º 1. Diz a legenda: «Na pensão — Beatriz Costa e Procópio. Colunas do palácio antigo onde se alberga uma pensão modesta. E onde principia a albergar-se um amor que, de momento, consiste em esquecer o que ela lhe dita».

O quadro é cheio de ternura. Tem o sabor delicioso dum idílio, de um primeiro idílio, em que dois corações procuram, a um tempo tímidos e confiantes, enquadrar-se no mesmo símbolo de felicidade. E o cenário ajuda, ajuda muito. É plástico e moldável; parece adaptar-se ao poema encantador dos dois amantes, numa metamorfose sem esforço.

Beatriz Costa empresta às fotografias um sabor único de feminilidade. Onde ela aparece surge a mulher. Aqui a encontramos, de novo, na foto n.º 15. «Diálogo de amor — Beatriz e Procópio. Dois corações que vão andando um para o outro — à beira de um rio, de um lago, de um mar... de um aquário de cristal. No quarto alegre de uma pensão entrou o sol — vai entrar o amor». A legenda diz tudo. O interior é entendedor na sua modéstia e é eloquente no sentido. Respira-se uma atmosfera de intimidade amorosa. Há no ambiente um vago perfume embriagador, que se adivinha em cada pormenor.

Mais adiante o quadro n.º 13. Mãe conta, mas muito bom quadro. Procópio cedeu o lugar a Nascimento. Há ali vemos, magnífico, ao pé de Beatriz. O conjunto é harmonioso, como um sonho, mesmo um «grande sonho», como reza a legenda.

Há um quadro, entre todos, que nos

encanta mais por nele se reunirem duas coisas difíceis de aliar. Intitula-se «Entusiasmo desportivo». Parece animado, com muito movimento. É uma das coisas. A outra, é a beleza plástica do conjunto. Não tem nada da turba mal arrumada e pouco fotogénica que estamos acostumados a ver nessas filas desportivas «Made U. S. A.». A brandura dos tons e o movimento das figuras fizeram as pazes neste quadro e conseguem persuadir-nos de que não há incompatibilidades entre a reportagem «à la minute» e a beleza dos arranjos. Em geral, um arranjo fotográfico neste género irrita-nos pela sua estabilidade. Aqui não. Há arranjo e há dinâmica.

Outros quadros, como sejam os n.º 17 e 19, revelam-nos, a par da arte do fotógrafo, o bom gosto do decorador moderno. Respira-se ali século XX por todos os poros. «Arquitectura Moderna. Gosto moderno. Elegância de hoje». Diz a legenda como a chamar-nos a atenção. Não é necessário. Tudo está tão patente que chegamos a esquecer-nos de Beatriz, sempre deliciosa, ou numa pensão moderna ou num interior imponente de um grande hotel.

* * *

Mafalda também tem encantos de encantar. Diz-se que nunca chegará a ter o nome de Crawford, a pesar de ser su-

blime. Chega a indignar-nos o facto de filmes assim não entrarem na América, só pela simples razão de desejarmos a Mafalda um nome maior que o da Crawford. O n.º 9 apresenta-a como uma encantadora «eslrela», o n.º 6 como encantadora mulher, e o n.º 11 como a mais encantadora das «vedetas». Toda ela é encanto. Não a conhecemos, nem como mulher nem como artista. Todavia adivinhamos que possui uns olhos verdes que falam ao coração. Ansiamos por descobri-la no filme para termos, assim, a confirmação desse bruxedo. Zé Maria (Paco ou Nascimento Fernandes) deve ser um homem feliz por tê-la a seu lado. Fala verdade a legenda: «É apenas um homem seduzido pela beleza sensual daquela mulher, que mais parece uma vamp.». Com efeito, tudo isso João Martins conseguiu apontar nas suas fotografias, que falam como livro aberto.

Não cuidem que exageramos. As fotografias falam, tocam música e entoam canções. Para além daqueles rectângulos, singelos mas eloquentes desenrola-se a acção. Será visão ou sonho? Nada disso! Nem sequer imaginação. Quem vai ao salão de chá do Tivoli pode gabar-se de conhecer «O trevo de 4 Folhas». Não nos deram a ler o argumento mas, talvez por descuido, não repararam que ele está escrito naqueles quadros fotográficos.

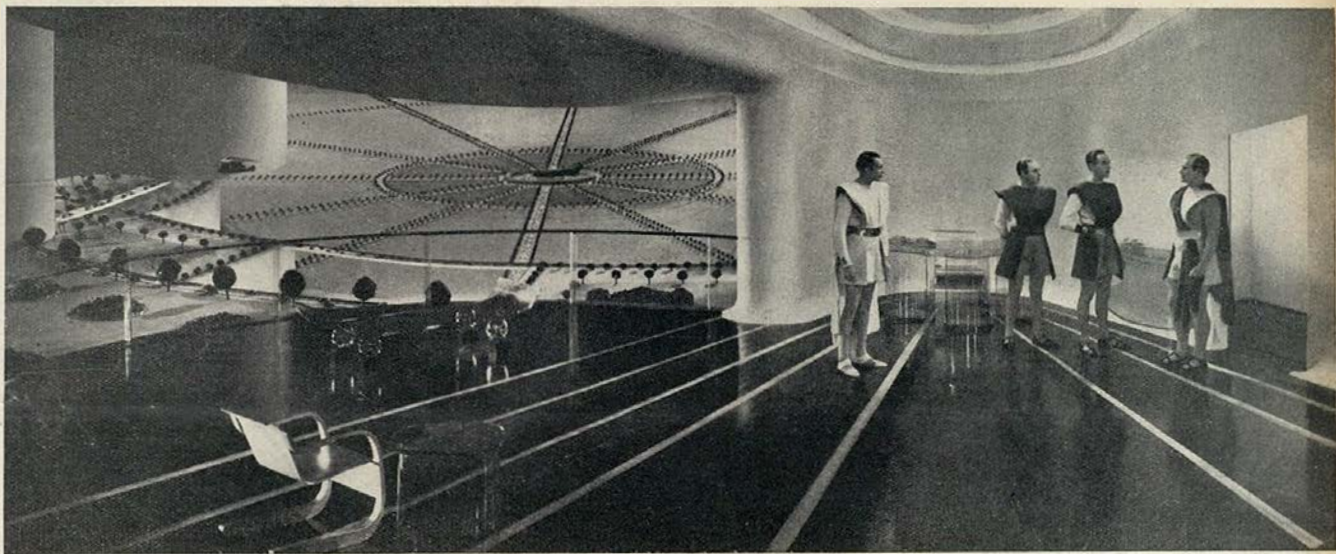
* * *

Estamos de novo no princípio. Vamos na terceira volta. Nada de confusões com os ciclistas na pista. Os ciclistas perdem o fôlego e ficam cansados de tantas voltas. Nós não. A cada volta que damos corresponde um «crescendo» de entusiasmo e cada uma que recomeça traz-nos maior ansiedade.

Voltamos ao quadro n.º 1. Ele escreve o que ela lhe dita. Há mu fundo de música. Mas agora nós ouvimos a Beatriz e ouvimos a música. Agora não é sonho com certeza. Ouvimos distintamente. Beatriz Costa entrou em cena; está a nosso lado «em carne e osso» e faz comentários. Lá adiante está o maestro Frederico de Freitas com a sua orquestra. Isto afinal é realidade! Vamos ouvir a música. Paramos, sem darmos por isso, diante de um outro quadro onde Nascimento enverga a camisola de «keeper». «Vai começar o jogo», diz a legenda, mas quem começa é Frederico de Freitas com a alegre marcha do «Foot-ball». A música é tão suave e tão linda como as fotografias. Os motivos musicais sucedem-se, enchendo o salão de chá do Tivoli, todos eles deliciosos e cinematográficos. Foram compostos a preceito. Têm o ritmo agradável das canções de Broadway, como nos alegres filmes dos Van Dyke de Hollywood.

* * *

Cá estamos, outra vez, na primeira fotografia. Isto é feitiço por certo. Olha mos para o relógio; são horas de jantar. Impossível mais alguma volta. Como nos sonhos pesados, nos pesadêlos, em que os pés se colam ao chão impedindo-nos de caminhar, também ali, diante daqueles 29 rectângulos cinzentos, os nossos pés se recusavam a dar um passo para abandonar a sala. Todavia, não há outro remédio. É necessário partir e creiam que partimo: com mágoa. Resta-nos a consolação de que... amanhã também é, dia.



A VIDA FUTURA

1940. Em Everytown, uma cidade moderníssima, de geração espontânea, festeja-se o Natal. Com o andar dos tempos, não se perdeu a tradição de comemorar o nascimento de Jesus — muito embora os homens cada vez pareçam esquecer mais aquelas palavras de fraternidade que ele pregou na sua passagem por este mundo.

Natal triste esse de 1940. Os jornais, em grande parangonas, profetizam a guerra. As nações, armadas até ao delírio, parecem esperar apenas o pretexto de se lançarem, umas contra as outras, numa luta de vida e de morte! Nas chancelarias, tramam-se golpes de audácia que parecem ser autênticas provocações. O mundo vive sob o pavor duma nova catástrofe.

E a neve não deixa de cair, fazendo gelar o sangue nas veias dos infelizes que se afoiam a sair das suas casas. Porque a super-civilizada Everytown conseguiu tudo — excepto arranjar um clima paradisíaco...

* * *

A família Cabal festeja o Natal. Comemoram-se as notícias que correm. Passworthy, amigo de Cabal, não erê na guerra. Não admite, depois de tantas outras, do exemplo do passado, que o mundo seja teatro duma nova carnificina. Tem fé na mentalidade dos novos.

Mas, súbitamente, ouvem-se tiros, ao longe. O telefone retine. É do aerodromo. Cabal, como aviador, é convocado a tóda a pressa. O telefone, o telégrafo não cessa de transmitir ordens. O alarme é súbito. Mas tudo estava previsto. Os estafetas correm pela cidade em pânico. As luzes apagam-se. As máscaras contra os gases são distribuídas a todos. É indiscutível a confusão. E Everytown, mergulhada nas trevas, aguarda o ataque das esquadilhas aéreas!

* * *

A imaginação humana é incapaz de descrever o que se passa! Os aviões descarregam sobre a cidade quilos de metralha. A chacina é completa! A destruição impera! Por tóda a parte, a Morte e a Desolação cobrem com o seu manto a cidade das Trevas. Ouvem-se no ar os gemidos dos moribundos. Com fragor, ruem as construções magníficas que eram todo o orgulho duma civilização. Nos escombros, ficam sepultados os inocentes: homens, velhos, mulheres, crianças. Os gases tóxicos penetram nas máscaras, rasgando os pulmões. É um horror, uma catástrofe como não há memória.

A guerra avassalou o mundo inteiro. Os anos passam. Cada vez, a civilização é mais nula. Os homens cedem aos seus instintos primitivos. Uma nova peste, conhecida pela doença da Alucinação, alastra pelo Universo, dizimando tudo e todos.

* * *

Em Everytown, um homem enérgico e decidido, domina a peste, trata os doentes e queima tudo o que pode propagar a infecção. Chamam-lhe o chefe. E novamente começa a guerrear os Estados vizinhos. A civilização morreu! O povo parece ter perdido o desejo de viver. Os aviões estão inutilizados. Gordon, ex-mecânico aviador, está encarregado da sua reconstrução. Mas não há gasolina nem ferramentas. E, um dia, surge um homem com um novo tipo de aeroplano. Chama-se «Asas do mundo» e pretende fazer renascer a civilização. Mas o chefe, receoso do seu poder, manda-o encarcerar. Gordon consegue, utilizando a gasolina do prisioneiro, fazer voar uma das máquinas do chefe e dirige-se a Basra, a-fim-de

prevenir os companheiros do prisioneiro, que é afinal o velho aviador Cabal.

* * *

E a história repete-se...

Uma grande esquadilha, composta de máquinas modernas, aproxima-se da cidade e domina os seus habitantes. A tática agora é outra. Já não é metralha que os aviadores despejam sobre a cidade. Tudo se encontra destruído já. É um gás, um gás que nada tem de tóxico, mas que adormece os mortais. Chamam-lhe, ironicamente talvez, o gás da Paz. E o chefe, o chefe poderoso, morre!

Uma nova cidade ergue-se sobre as ruínas de Everytown.

* * *

Oswald Cabal, neto do velho Cabal, o ditador do Ar, é agora o Presidente do Conselho.

A ansia de domar a Natureza, de devassar os seus segredos a sede de civilização — imperam! A grande invenção, agora, é o Canhão da Lua, que se des-

lina a enviar àquele planeta dois seres para o repovoar.

A escolha das pessoas que devem tentar a experiência recai no filho de Cabal e em Maurice Passworthy, neto do velho Passworthy, que, anos, antes, não julgava possível a eclosão da guerra.

* * *

Nas vésperas do célebre dia, que irá marcar uma nova conquista do progresso e da Humanidade, Theotocopulos, um visionário, um louco, pretende revoltar o povo, para que não consinta na barbaridade de arriscar duas vidas humanas inglôriamente.

Recruta meia dúzia de homens, mas chega demasiado tarde.

No meio da expectativa geral, o cilindro que contém os dois jovens, é disparado, e singra, no espaço, com uma velocidade inconcebível.

O resultado é desconhecido, mas Cabal não duvida. A Humanidade conquistará todo o Universo!

E o filme termina com esta profecia que tem qualquer coisa de terrível, de assustador e de optimista!



Uma imagem brutal! A guerra e as suas vítimas!

À Filosofia do "Gag"

(Continuação da pág. 5)

volucionaram a farsa. Jimmy Durante, W. C. Fields e, ainda, Oliver & Hardy e Eddie Cantor. Estes com a loucura ligada a um grande sentido comercial, também têm um papel preponderante no filme cem por cento louco.

Estes cômicos de loucura têm qualquer ligação com o estado de espírito do mundo. Os seus esforços não são gratuitos, formam antes uma «charge» genial à vida do nosso tempo. Os seus gestos têm ligação com os de Mussolini, Hitler, Roosevelt, Hoare, Laval, e muitos outros políticos. A «câmara» é implacável. Ridiculariza os grandes homens transformando-os em irrísórios fantoches. De Hitler, fica apenas um

boneco articulado: um bigodinho ridiculo, pretendendo compor uma máscara severa. De Mussolini resta-nos uma máscara severa com ares de D. Basílio de Ópera barata. De Victor Manuel III mal se vê, e poucas vezes, uma pluma entre dois pares de botas de melicianos.

Assim, os filmes cômicos de boje são mordazes, ridicularizantes, loucos mas não alegres, daquela alegria simples e serena de outros tempos em que, o pastel era atirado à cara dos protagonistas, ou o jardineiro voltava para si próprio a mangueira que segurava nas mãos.

SÉRGIO ACCRÍO

UMA CARTA de Leitão de Barros

(Continuação da pág. 6)

Quanto às ideias expressas, nestas columnas, sobre concursos, «Cine-Jornal» continuara u perflhá-las até que alguém nos convenceu de que esse é o bom caminho, para criar artistas, capazes de desempenhar as principais figuras dum filme. Dina Tereza foi uma excepção a confirmar a regra, e tinha já uma experiencia de palco apreciável.

Quanto à qtrinação do concurso estar aberto a todos, permita-voos Leitão de Barros que só letricamente admitimos o facto, porque sabe perfeitamente, tão bem como nós, que uma artista profissional não se sujeita ao desdouro de ficar preterida num concurso publico, o que lhe pode acarretar dissabores na sua carreira. Os amadores não têm nada a perder nesse caso; mas com os profissionais, já não succede assim.

E pomos poulo final no assunto, que gostaríamos um dia de discutir com maior largueza, fazendo votos, votos sinceros por que todos os artistas que trabalham em Bocage marquem com brilho a sua posição, auxiliados com o saber, com o talento e com a experiencia de Leitão de Barros, artista e realizador.

Os desenhos do Gato Felix, a côres

Os desenhos do Gato Felix vão passar a ser corioridos e, segundo as nossas informações, serão distribuidos futuramente pela R. K. O.-Rádio.

visse chorar quando um «gaffeur» lhe chamou certo dia Mr. Stanwick...

Hollywood não a pode compreender.

Tanto mais que Frank não é simpático, não é amável, e não lhe é fiel.

Barbara, é! E não julguem que ela ignora a sua inconstância... Que lhe importa que elle seja assim. Não pode deixar de ser um revoltado — quando comparar as duas carreiras.

Há uma coisa, porém, que Barbara nunca esquecerá. Quando não era conhecida, quando não era mais do que uma «girl» modesta, uma rapariga sem familia e sem dinheiro — elle apaixonou-se e desposou-a.

Ela não esquece que quando Hollywood a quis lançar à margem, só elle a susteve na queda, a impôs, e deu o impulso decisivo de que necessitou.

E Barbara não esquece nada...

Hoje é feliz — e adorada por todos os americanos!

NOTÍCIAS

Uma moda original

Merla Oberon, que está sendo uma das ditadoras da moda, em Hollywood, acaba de lançar uma moda original. Em lugar de trazer, no lenço, bordadas, as suas iniciais, substituiu estas pelo número do seu telefone.

E a moda é prática. Quando lhe perguntam para onde lhe devem falar ela acena com o lençinho, que exhibe o número salvador.

E se uma dama, requestada por um galã, quere dar seguimento ao idílio deixa cair o lenço, como noutros tempos, para que elle, entretanto, tome apontamento do número do telefone...

O FILME DE LILY PONS

Foi estreado em Paris, com enorme êxito, o novo filme de Lily Pons, *I dream too much*.

E a história duma rapariga, casada com um compositor, e que se revela, subitamente, uma cantora de primorosa escola.

O filme é muito agradável de seguir-se, diz a critica — e merece especial menção o registo de sons.

Os «Audioscópicos» estrearam-se em Madrid

No Cinema Actualidades, de Madrid, estreou-se, pela primeira vez na Europa, o famoso complemento *Audioscópico*, que dá a sensação nítida do relvêo.

Trata-se dum curioso filme, baseado no principio dos anaglifos, de Lumière, aperfeiçoado ao máximo e com som.

Os efeitos que explora são dum cômico irresistível.

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

AS NOSSAS CAPAS

Na frente: Katharine Hepburn, numa sugestiva alegoria da Primavera.

Na 2.ª capa: Adolphe Wolbrück, no figura de Miguel Strogoff, revive o herai do romance famosa de Júlio Verne.



Lily Damita, francesa de nascimento, portuguesa de coração...

BARBARA STANWICK

(Continuação da pág. 11)

nutos de isolamento encontrou a mulher dum médico da Cincelândia, que se sentia tão deslocada como ela, naquele insuportável covil de «snobs». Agora, quando recebe convites, rasga-os indignada.

Todos aqueles que lhe foram desagradáveis podem perder a esperança de que ela os auxilie e atenda. Nunca trabalharão a seu lado.

Um belo dia, um jornalista entendeu que devia publicar determinado eco referente à sua vida privada. Foi formal na resposta que lhe deu: «Se continuasse, esbofetecá-lo-ia». E o outro calou-se, pois tinha a certeza absoluta de que ela cumpriria a palavra.

É muito difícil de aturar — como diz o vulgo... Os produtores conhecem-na... A sua vontade é lei. É obstinada, paciente e incapaz de se exaltar. Com ela nunca há discussões, crises nervosas, histeria espectacular ou declarações nos jornais. É uma guerra surda. Barbara detesta os produtores de Hollywood. Não se esqueceu ainda do acolhimento que elles lhe fizeram logo de entrada...

Fiel ao seu amor

Há dez anos, Frank Fay possuía em Nova York um clube selecto. Barbara ganhava a vida por teatros modestos. Há cinco anos chegaram os dois a Hollywood, levados na onda das vedetas de teatro e de «music-hall», que o sonoro arrastára até lá.

Ele é que tinha um contrato. A despeito de quinze anos de êxito em Broadway, ignoravam-no na Cali-

fórnia. O produtor da firma para a qual devia trabalhar, declarou:

—Fay... não conheço... Façam um inquérito.

Interrogaram uma dactilógrafa, o «chauffeur» dum «táxi» e um ardina. O inquérito foi concluído. Fay era um «desconhecido». Frank Fay ficou sem contrato e assinou outro contrato com a Warner, para a qual interpretou filmes musicais que não obtiveram êxito algum.

Isábara teve uma estreia desastrosa. Ninguém lhe quis dar um novo ensaio. A sua carreira cinematográfica parecia estar liquidada.

Em segredo, Frank financiou um filme, para que lhe dessem o papel de vedeta. E desta vez, Barbara impôs-se. Só muitos anos mais tarde soube a verdade! Dête já ninguém se lembrava. Mas ela — era célebre.

A carreira de Barbara foi assinalada então por uma curva ascendente. Frank, por seu turno, deseia assustadoramente. Quem conhece Frank Fay? Na Europa ninguém, na América tão pouco! Mas em Hollywood sabem que é o marido de Barbara. E todos se admiram como ela não o lançou à margem!

E o pior é que continua loucamente apaixonada. Abandona o Cinema para ir até Nova York interpretar um papel na peça que elle desempenha! Não pode falar com um jornalista sem gabar o talento de Frank e lamenta a sua pouca sorte. Procura apagar-se sempre, para fazer erer aos outros que elle é a celebridade da familia. E houve quem a

Extinga as suas SARDAS



com esta Cera Mágica de Beleza

Esta nova cera introduz-se profundamente na pele grossa e áspera e amolece-a de tal forma que a sua camada externa, manchada e endurecida, cai, a pouco e pouco, em pequenas partículas, de manhã, quando se lavar a cara. A nova pele fresca e branca, tão deliciosamente clara e aveludada como a de um bebê, surpreende e encanta. As sardas — as feias manchas castanhas — a rugosidade e a secura da pele, parecem sumir-se com muita facilidade. Uma senhora de 40 anos pode facilmente aparentar 30, ou mesmo menos. A Cire Asepline, nova Cera Mágica de Beleza, limpa os poros da pele (o que o sabão não consegue fazer) e, desta maneira, preserva e triunfa dos poros dilatados e dos pontos negros. Aplique a Cire Asepline à noite, antes de se deitar, e veja em si mesma porque é que as mulheres lhe chamam Cera Mágica. Peça, já hoje, a Cire Asepline ao seu perfumista.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva à Agência TOKALON—88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

MANUCURE, Massagem das mãos, correção de sobrancelhas, desaparecimento dos pelos por métodos modernos



Academia Científica de Beleza
Avenida da Liberdade, 35
TELEFONE 2 1866
L I S B O A

M'CAMPOS

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES
Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda
Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27
Teléfono 2 1365 e 2 1227
Comp., impressão e gravuras BERTRAND (irmãos), Lda
Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa
ASSINATURAS (pagamento adiantado)
PORTUGAL
52 números 1 ano 48500
25 6 meses 24500
12 3 meses 12500
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano 65500

A música expressão da vida

A 9.ª Sinfonia de Beethoven interpretada num filme

RICHARD Wagner disse algures «que só podia compreender o espírito da Música quando expresseo no amor». Estas palavras caracterizam nitidamente o enredo dum novo filme alemão, que se intitula *Acorde final*, e no qual a música não é simplesmente um atrilho artístico da acção. Pelo contrário, essa nova produção, a Música, báisamo da alma, constituiu o núcleo central em volta do qual se desenrolam os episódios cénicos.

Um dos factores principais que marcaram a posição definitiva do cinema dentro da Arte, foi a adopção da Música como elemento integral, o que, além de aumentar o campo optico ao filme, acentua profundamente os momentos psicológicos. Nos primeiros tempos do cinema sonoro, os produtores caíram no erro de explorar a música como elemento secundario, e só por isso o mecanismo do invento genial esteve prestes a destruir o mito da tradição artística do cinema. Reconhecido a tempo o caminho errado, a majestade da arte conseguiu por fim sobrepôr-se ao despotismo do elemento técnico.

O novo *Schussakkord* representa mais um passo úeste sentido, visto que aqui a Música apparece pela primeira vez como factor soberano que exprime a acção representada. É a música essa arte maravilhosa que atravessando o mundo fantástico do éter aproxima os continentes, anima corações desfalecidos, forma destinos e encontra a saúção e alívio para os conflitos mais trágicos da alma. De resto, é esse mistério eterno do amor, do afecto, que encontra na música a quinta essencia da sua expressão, esse amor que para Richard Wagner, o grande Mestre, era a «espiritualidade da Música».

Assim, no caos de uma vida quasi destruída pelas provações materiais e pelo desespero de uma alma amargurada que só aspira a separar-se deste vale de lágrimas, ouve-se súbitamente, com uma naviosidade transeúndental, o «fortíssimo» extático de uma música que em cada frase é um imperativo heróico de apógo à vida. É a Nona Sinfonia, a música imortal de Beethoven.

Uma prova da sensibilidade intuitiva de Heinrich Oberländer, autor do argumento do filme, é justamente esta circunstância de ter escolhido para expressão simbólica de uma vida essa música heróica de Beethoven, o homem que também se sentiu perseguido por uma fatalidade interna. Esta música exprime uma força sobrenatural, um grande lenitivo, e o extase de uma alegria vital. Esta música monumental é realmente uma força mágica que acaba por vencer os martírios e as torturas de uma vida de desespero. Essa força sobrenatural que dimana dêsse Génio da música revela-se sobretudo na frase final do coro da alegria. É como que um grilo da alma chamando para a vida os corações prostrados pelo abatimento.

Esta tentativa de interpretar no cinema uma das maiores criações de Beethoven, sem profanar a sua espiritualidade, é sem dúvida das mais ousadas que a arte tem assistido. No entanto, o sentimento de responsabilidade de que a novel cinematografia alemã se sente possuída justifica essa experiência interessante que procura encontrar novos rumos para a adaptação da música no cinema. Atiás, Beethoven e a sua música são, para além das fronteiras nativas, património universal da humanidade. Por isso mesmo, o novo filme é um brinde da Alemanha à sensibilidade musical do público de todos os países.

O CINEMA E A RADIO

Uma emissão de homenagem a Cine Jornal na «Radio-Sonora»

Confórme noticiámos no nosso número 25, de 6 do corrente, realizou-se no passado dia 8, na estação C T I A N, Rádio Sonora, uma emissão dedicada a «Cine-Jornal», organizada pelo nosso prezado amigo António Feio, que naquela estação dirige intelentemente as emissões cinematográficas.

O programa constou de várias canções de filmes nossos conhecidos, em

prosa, emprestou ao programa o sabor de variedade e animação, que devem ser a característica das emissões de T. S. F.

Também Mesdemoiselles Eduarda Silva e Maria Antas puseram brilhantismo nesta festa com os seus pímimosos acompanhamentos de piano. Outro tanto podemos dizer do ilustre compositor sr. João Mateus.

Raúl Fonseca, nosso camarada de redacção, preencheu cinco minutos do programa com uma interessante palestra sobre «Definições de amor e casamento atribuídas, maliciosamente, ao arquivo de Joan Crawford e a algumas celebridades de Hollywood».



A orquestra Ksitantul, sob a direcção de Fernando Sampaio Ribeiro

que D. Walda Rodilles, soprano de raro merecimento, pôs toda a sua alma, emprestando-lhes a graça e o sentimento necessários para as valorizar. Assim, o longo «Orquídeas ao luar», que Raúl Roulien canta no filme «Voando para o Rio», teve de ser bisado por exigência dos auditores de C T I A N, tal a maneira deliciosa como foi cantado. No repertório de D. Walda Rodilles ainda figuraram outras sugestivas canções, como fôsses as dos filmes «Violetas Imperiais» e «A Imperatriz e Eu».

A orquestra Ksitantul secundou o entusiasmo conquistado pela ilustre soprano, quando, sob a direcção brilhante



D. Walda Rodilles, cantando «Orquídeas ao luar»



O nosso camarada Raúl Fonseca, ao microfone

de Fernando Sampaio Ribeiro, entrou a executar trechos musicais dos filmes que maior êxito alcançaram entre nós. As canções de Eddie Cantor, as do «Rapaz Milionário», foram merecida coroa de glórias para aquele «jazz» animado e moderno.

A colaboração dos valiosos elementos da Escola de Teatro Araújo Pereira, na dicação de poesias e bocados de boa

Completariam o programa, pelo talento de Rosa Maria, «blues» e outras canções oriundas da Cinelândia, mas uma lamentável indisposição impediu que a saúdosa «Maria do Mar» comparcesse no estúdio.

A emissão terminou pela *Marcha de Cine-Jornal*, com um ritmo de «corridinhos» muito português, devida a João Mateus e pela qual o felicitamos. António Feio redigiu a letra, a um tempo espirituosa e animada, sabiamente adequada ao compasso da música.

«Cine-Jornal» agradece mais uma vez a simpática homenagem de Rádio Sonora e felicita a estação emissora pela



Os dirigentes do Rádio Sonoro e os elementos que tomaram parte na festa

maneira interessante como foi organizado o programa, que lhe foi dedicado, fazendo votos pelas prosperidades de C T I A N.



CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 27 — 20 DE ABRIL DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Adolphe Wohlbrück

“CINE-JORNAL” É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA